

 [10.58876/rbbd.2023.1911924](https://doi.org/10.58876/rbbd.2023.1911924)

Ciência da Informação e seus paradigmas: a presença da linguagem na organização do conhecimento

Information science and its paradigms: the presence of language in knowledge organization

Alexandre Robson Martines

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP).

E-mail: alexandre.martines@unesp.br

RESUMO

A organização do conhecimento se desenvolveu em continuidade às necessidades apresentadas pela biblioteconomia e pela documentação. Suas técnicas, práticas, metodologias e seus debates científicos, epistemológicos, circundam a aplicação de instrumentos para que o conteúdo informacional possa ser representado e recuperado. Nesse contexto, a aplicação da linguagem é um dos recursos de tratamento da informação documental, por isso verificou-se a inserção das teorias da linguagem aos estudos nessa relação entre linguagem, informação e documento. É objetivo desta pesquisa analisar os fundamentos histórico-teóricos presentes na construção epistemológica dos paradigmas da ciência da informação para que se possa observar como ocorre o enquadramento do campo da organização do conhecimento e como a linguagem contribui para essa sistematização. Aplicou-se uma metodologia qualitativa, exploratória-descritiva sobre fundamentação teórica acerca da epistemologia da ciência da informação, da organização do conhecimento e da aplicação da linguagem, caracterizando uma pesquisa bibliográfica. O paradigma social oferece uma gama maior de preocupações em relação ao tratamento da informação. A organização do conhecimento se destaca como segmento fundamental para o desenvolvimento de técnicas, protocolos, normalizações, procedimentos, estratégias e métodos para sistematizar o conhecimento, assim destaca-se a análise sobre o papel da linguagem entre suas faces natural e especializada.

Palavras-chave: Ciência da Informação, Organização do Conhecimento, Epistemologia, Paradigma Social, Linguagem.

ABSTRACT

The organization of knowledge developed in continuity with the needs presented by librarianship and documentation. Its techniques, practices, methodologies and its scientific and epistemological debates surround the application of instruments so that the informational content can be represented and retrieved. In this context, the application of language is one of the resources for processing documental information, which is why language theories were included in studies of this relationship between language, information and document. The objective of this research is to analyze the historical-theoretical foundations present in the epistemological construction of information science paradigms so that one can observe how the field of knowledge organization is framed and how language contributes to this systematization. A qualitative, exploratory-descriptive methodology was applied on the theoretical basis about the epistemology of information science, the organization of knowledge and the application of language, characterizing a bibliographical research. The social paradigm offers a wider range of concerns regarding the processing of information. The organization of knowledge stands out as a fundamental segment for the development of techniques, protocols, standards, procedures, strategies and methods to systematize knowledge, thus highlighting the analysis of the role of language between its natural and specialized faces.

Keywords: Information Science, Knowledge Organization, Epistemology, Social Paradigm, Language.

1 INTRODUÇÃO

O campo da organização do conhecimento se desenvolveu concomitantemente às necessidades apresentadas pela biblioteconomia e pela documentação em relação ao tratamento das informações presentes no documento e o desenvolvimento de estratégias, para efetivar a representação através de objetos informacionais e posterior recuperação dessa informação. Portanto, compreende-se que suas atividades estão atreladas às concepções, às preocupações e aos estudos da ciência da informação, devido a sua atuação frente à organização, à representação, ao tratamento, ao armazenamento e à recuperação da informação.

Enquanto a organização do conhecimento explora esses fatores a fim de direcionar a uma realização científica focada na cognição e no conhecimento; a ciência da informação, além de explorar esses fundamentos, os quais permitem um amplo diálogo com diversas áreas, também explora fatores técnicos, epistemológicos e discursivos, que enquadram o conhecimento em domínios, e caracterizam instrumentos de medição do acesso e difusão, assim corroborando a conduta do usuário frente ao sistema informacional.

Diante disso, entende-se que o campo da organização do conhecimento apresenta como principais elementos de estudo à compreensão sobre a constituição do conhecimento e sua classificação, categorização, representação e relação com outros tipos de conhecimentos. Por isso, seus estudos e suas práticas estão alinhados a pesquisas e a concepções que debatem a teoria do conceito, sistemas de organização do conhecimento - SOCs, análise de domínio, terminologia, linguagem especializada a fim de evidenciar a interação e organização dos diversos conhecimentos, aplicados tanto para classificação como para a descrição dos conhecimentos, ou seja, visando à configuração de sistemas informacionais como a recuperação da informação.

Decorrente a isso, oferece uma gama de linguagem especializada para que as atividades presentes na representação da informação, por sua vez, possam ser realizadas, ou seja, para que aconteça a aplicação da terminologia especializada, as quais têm como fundamento evocar o conceito, aos objetos informacionais, cujo objetivo é nortear, o tratamento, o armazenamento, a indexação e a recuperação da informação. Conforme Smiraglia (2016, p. 356, tradução nossa), “[...] o poder da representação de conceitos para

moldar vidas, mover comunidades, direcionar domínios de descoberta e criar roteiros no universo do conhecimento [...]” são fundamentais para o desenvolvimento e para a ampliação do conhecimento produzido pela humanidade.

Com vistas a isso, o campo da organização do conhecimento assume um papel importante no desenvolvimento epistemológico dentro da ciência da informação e, nesse contexto, proporcionou uma maior autonomia para o desenvolvimento do seu próprio domínio epistêmico, conforme Smiraglia (2016, p. 356, tradução nossa) aponta que “[...] despertou a comunidade da organização do conhecimento para a autoridade epistêmica dos principais esquemas de classificação e sua influência duradoura no discurso social”.

Para debater sobre a constituição metodológica, técnica e epistemológica de um campo, é necessário refletir sobre a dimensão de seu objeto. Os desafios em caracterizar os seus fundamentos científicos são reflexos da complexidade do objeto que esse campo pretende investigar.

A informação é um objeto complexo, amplo e possuidor de várias definições, é de interesse de muitos campos, que atuam inter-relacionados ou sem vínculo ou em continuidade. No entanto, na ciência da informação, aborda-se o tema de modo interdisciplinar, a fim de sistematizar uma fundamentação que exige uma análise profunda das diversas práticas e discursos que circundam a constituição das preocupações acerca da informação, pois seu tratamento requer um conjunto de técnicas e procedimentos que devem ser conduzidos por orientações específicas a fim de que haja convergência entre os trabalhos realizados em lugares distintos no planeta, ou seja, a manutenção de estratégias e de discursos consistentes veiculados por uma atuação científica com interesses semelhantes.

Tratar do conceito de informação na ciência da informação é reconhecer que há muitas vertentes nas aplicações científicas, como podem ser observadas na análise de Rafael Capurro, nos seus textos *Epistemologia e Ciência da Informação* (2003) e *Epistemología y ciencia de la información* (2007), o qual será aplicado nesta pesquisa como norteador das discussões sobre paradigmas. Assim, destaca-se, a princípio, a definição de que informação é “[...] um elemento prévio necessário à criação de conhecimento [...]”, sendo “[...] o valor da informação, sua mais-valia com respeito ao mero conhecimento, consiste precisamente da possibilidade de aplicar um conhecimento a uma demanda concreta” (CAPURRO, 2003).

Nessa linha, a ciência da informação se constituiu como um campo interdisciplinar, sob o qual há a incidência de muitas teorias na busca de compreender suas definições e aplicações, sejam como construtoras do conhecimento, sejam como condutoras de elementos significativos, sejam alinhadas aos instrumentos direcionados ao tratamento dos objetos informacionais.

Dessa forma, a ciência da informação direciona suas ações à investigação das propriedades da informação, das quais esta pesquisa destaca os meios de tratá-la e representá-la, com o fito de dinamizar e otimizar a recuperação, a acessibilidade e o uso, aspectos estes que podem ser vinculados com as preocupações do campo da organização do conhecimento. Para Araújo (2018, p. 5), a ciência da informação surgiu “[...] há cinco décadas, inicialmente nos Estados Unidos, na Inglaterra e na União Soviética. Na época, falava-se de uma explosão da informação a partir do incremento das atividades científicas e tecnológicas”.

Ao se caracterizar como ciência, conduz-se a sistematização da ciência da informação por fundamentações epistemológicas, já que é possível apontar que a epistemologia, consoante González de Gómez (2007, p. 6) “[...] seria o estudo das possibilidades, origem, natureza e extensão do conhecimento humano”, além disso permite a indagação sobre as condições e possibilidades desse conhecimento ser verdadeiro ou legítimo. Conforme González de Gómez (2007, p. 6), epistemologia é “[...] um saber que recebe sua forma da filosofia, pois dela obtém sua legitimidade, e que recebe sua materialidade da ciência, que constitui o domínio de construção de seu objeto”.

Além disso, é importante destacar em Hjørland (2002, p. 432, tradução nossa) que “as teorias epistemológicas da ciência da informação têm um impacto fundamental nas teorias sobre os usuários, sua cognição e comportamento de busca de informação”. Neste ponto, é válido destacar o papel dos domínios para enfatizar as diferenças epistemológicas entre as ciências sociais.

Ademais, no processo epistemológico do campo da organização do conhecimento, há que se destacar ações referentes à organização e representação do conhecimento, no que se refere aos procedimentos voltados para sistematizar o conhecimento conforme sua atuação na ciência e na cultura, bem como práticas e mecanismos para materializar essa concepção em ferramentas capazes de evidenciar o conhecimento através de conceitos, portanto estabelece-se o uso de linguagens especializadas como tesouros, taxonomia,

CDD, CDU; como também as ações presentes nos procedimentos e produtos da organização e representação da informação, que abrangem técnicas, práticas e metodologias para efetuar a leitura, a análise, o tratamento e a interpretação da informação e, assim, representá-la através de objetos informacionais que possam garantir, mediante indexação e constituição de sistemas informacionais, o armazenamento e a recuperação dessa informação (BRASCHER; CAFÉ, 2010; PANDO, 2018, 2019).

Com o avanço das pesquisas no campo da organização do conhecimento, houve a aproximação aquilo que se estabeleceu no Brasil de paradigmas cognitivo e social da ciência da informação, consoante aponta Capurro (2003, 2007), em que se apresenta orientações cujo objetivo é refletir como o campo da ciência da informação teria se desenvolvido ao longo do século XX.

Assumindo essa abordagem proposta por Capurro (2003, 2007), entende-se que a aplicação da linguagem possui um papel fundamental para efetuar os processos cognitivos e, assim, os símbolos culturais e científicos possam ser retratados, representados e recuperados, por isso há avanços nas pesquisas que observam a presença das teorias da linguagem aplicadas às teorias da informação, agregando-se ao desenvolvimento da organização do conhecimento.

Frente à problemática que envolve questões epistemológicas do campo da organização do conhecimento e da ciência da informação, ao que se refere aos aspectos inerentes à linguagem e à formatação social, é objetivo desta pesquisa analisar os fundamentos histórico-teóricos presentes na construção epistemológica dos paradigmas da ciência da informação para que se possa observar como ocorre o enquadramento do campo da organização do conhecimento e como a linguagem contribui para essa sistematização.

A presente pesquisa apresenta profícuas discussões sobre fatores que envolvem o campo da organização do conhecimento e sobre a ciência da informação em relação aos paradigmas epistemológicos e à aplicação da linguagem para consolidar os avanços de representação do conhecimento, assim acredita-se ser um trabalho com potencial para contribuir nas discussões pertinentes ao campo.

2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, tipo descritiva, já que explora a fundamentação teórica acerca da epistemologia da ciência da informação e do campo da organização do conhecimento, além de descrever as etapas de inserção das teorias da linguagem e sua aplicação nos contextos documentais, caracterizando uma pesquisa bibliográfica.

O levantamento de materiais publicados na área ocorreu por meio de periódicos, dissertações e teses, consultados nas bases de dados Brapci, Dialnet, Google Scholar, Nomos eLibrary, ISKO Brasil e ISKO España-Portugal, além de livros especializados. Recuperaram-se trabalhos publicados em português, espanhol e inglês. O levantamento bibliográfico foi realizado entre novembro de 2022 e janeiro de 2023. Para recuperação de materiais utilizaram-se as palavras-chave: epistemologia da ciência da informação; organização do conhecimento; organização da informação; paradigmas; paradigmas da ciência da informação; paradigma cognitivo; paradigma social; teoria da linguagem; linguística; semiologia; semiótica, assim se tratando de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada nos temas para realizar a análise crítica

Diante do material coletado, destacam-se Kuhn (1970); Japiassu (1986); Araújo (2018) para debater sobre epistemologia, o que demonstrou um percurso teórico para enquadrar os paradigmas e ações do fazer científico, referente à metodologia e epistemologia; Capurro e Hjørland (2007); Capurro (2003, 2007); González de Gómez (1993, 2000, 2007, 2015) para analisar a construção epistemológica da ciência da informação e a configuração de seus paradigmas; Sales (2015) para tratar das relações teóricas e epistemológicas entre ciência da informação e o campo da organização do conhecimento, como Pando (2018); Pando; Almeida (2019) para analisar a relação entre a organização da informação e a ciência da informação; Dahlberg (1978, 2006, 2014); Hjørland (2002, 2008, 2009, 2010, 2016); Smiraglia (2016) para compreender as questões que envolvem o campo da organização do conhecimento, como ainda os trabalhos de Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011); Moura (2003, 2006); Vogel (2007, 2009); Tálamo e Lara (2006, 2009); Lara e Tálamo (2007); Almeida (2009, 2012, 2016, 2020); Almeida; Faria; Matias (2020); Maimone e Tálamo (2011); Tálamo e Maimone (2015) para analisar processos e produtos da organização e

representação da informação, além de debater sobre a importância da linguagem, bem como os desdobramentos das teorias da linguagem no campo da organização do conhecimento.

Por conseguinte, a análise se efetivou sobre os conceitos epistemologia, organização e representação do conhecimento e da informação, paradigmas, informação, conhecimento e linguagem. A interpretação ocorreu mediante o cruzamento desses conceitos que permitiu a construção de inferências.

3 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O CAMPO DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: ALGUNS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

A ciência da informação é um campo amplo, que tem apresentado desenvolvimento de muitas técnicas, procedimentos, métodos, teorias e debates para promover a interação, a recuperação e o tratamento da informação, seja na sua evidência como dado ou informação, seja na definição dessas concepções, que envolvem o reconhecimento de seu suporte, aplicados nas práticas de organização, no arquivamento, na representação e na recuperação.

A ciência da informação estabelece relações teóricas com o campo da organização do conhecimento devido aos interesses no tratamento da informação, seu armazenamento e, principalmente, acerca das técnicas e métodos de recuperação da informação.

Embora Sales (2015) apresente a concepção de que o campo da organização do conhecimento, por estar direcionado ao desenvolvimento de técnicas, metodologias, epistemologia e estratégias voltadas para análise e tratamento dos fatores cognitivos que são inerentes à organização do conhecimento, é possível observar que o desdobramento histórico-epistemológico do campo da organização do conhecimento apresenta diversos pontos que aproximam seus objetivos e objetos aos objetivos da biblioteconomia e da ciência da documentação, portanto há uma chaveamento de processos, produtos, práticas e epistemologia que convergem em direção ao tratamento da informação e ao processamento da cognição que classifica e categoriza o conhecimento.

A ciência da informação apresenta uma evolução epistemológica que visa à configuração de paradigmas, assim aspectos do paradigma cognitivo e social, muitas

vezes, exploram processos cognitivos para compreender o efeito de sentido gerado nos objetos informacionais, bem como a significação presente nos discursos produzidos pelas comunidades referentes aos seus domínios. Dessa forma, por um lado é possível aproximar interesses da organização do conhecimento com os interesses da ciência da informação; por outro, é válido destacar que a linguagem é recurso utilizado tanto para elaboração dos SOCs, como para analisar o processo discursivo no tratamento documental, sendo este um ponto de conexão entre os dois vetores: a elaboração e a aplicação das linguagens documentárias.

Tal fator requer atenção na elaboração de linguagem especializada a fim de regularizar mecanismos de acesso, seja nas propostas sobre mediação dessas informações, seja nos trabalhos interdisciplinares como outros campos como a filosofia, sociologia, psicologia, estatística, ciência da computação, linguística, semiótica, matemática, com o fito de ampliar a compreensão sobre a informação, nos avanços sobre o conhecimento, como tratá-lo, sistematizá-lo e principalmente, como organizá-lo.

Diante da importância da informação referente aos processos cognitivos capazes de promover o conhecimento, o campo da organização do conhecimento se destaca como um segmento fundamental para o desenvolvimento de técnicas, protocolos, normalizações, procedimentos, estratégias e métodos para sistematizar o conhecimento, assim classificá-lo, estabelecendo-lhe categorias, ações e fundamentos.

Dentre os recursos, processos, procedimento e produtos propostos pelo campo da organização do conhecimento, destaca-se o papel da linguagem, visto que os documentos são redigidos em linguagem natural e, assim, manifesta-se o conhecimento no enunciado textual e, a partir disso, é possível a aplicação de linguagem especializada através de sistemas de organização do conhecimento - SOCs, destacando CDU, CDD, taxonomias e tesouros, o que exige que a relação com a terminologia seja necessária.

Com isso, é objetivo desta seção analisar a fundamentação epistemológica que constitui os paradigmas na ciência da informação e observar como esses fundamentos são alinhados ao campo da organização do conhecimento. Assim, também é interesse refletir sobre as contribuições da linguagem para a evolução do campo da organização do conhecimento e sua relação com os paradigmas cognitivo e social.

Nesse cenário, é válido apontar que a ciência da informação é um campo que surge no final da década de 1960, com discussões decorrentes da produção de informação e

estratégia que permeiam o campo militar, econômico, cultural oriundos da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria. Sua fundamentação teórica e seu desenvolvimento epistemológico circundaram os desafios para definir, tratar, representar, armazenar e recuperar seu principal objeto de estudo e desenvolvimento científico: a informação.

A concepção de que informação é a construção de sentido e, assim, evidencia um conhecimento constituído é um ponto de análise desde a filosofia antiga, no entanto é baseada na Teoria Matemática da Comunicação, de Claude Shannon, em 1948, que a discussão sobre sua definição passa a ser preocupação dos objetos científicos do campo da ciência da informação.

Nessa linha, Capurro e Hjørland (2007) debatem sobre as diversas definições sobre informação e como algumas vertentes na ciência da informação ajusta essas definições conforme suas necessidades científicas e como seus objetos são aplicados para representar a realidade. Segundo apontam os teóricos, Capurro e Hjørland (2007, p. 150) “a história de uma palavra fornece-nos curiosidades que são tangenciais ao próprio conceito [...]”, todavia uma premissa constante em ciência da informação, reforçada por Capurro e Hjørland (2007, p. 150) é que “o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido”.

Desse modo, afirma-se em Capurro e Hjørland (2007, p. 150) que “[...] discussões sobre o conceito de informação em outras disciplinas são muito importantes para a CI porque muitas teorias e abordagens em CI têm suas origens em outras áreas”. Nesse cenário, destaca-se a definição de informação alinhada ao processo de formação da mente, na ação cognitiva, pois essa linha parece ser o caminho mais profícuo para se discutir o papel da linguagem na ciência da informação.

Assim sendo, Capurro e Hjørland (2007, p. 162) afirmam que “os objetos no mundo in-formam os sentidos”, no entanto a “[...] sensação é inteiramente diferente da forma – uma é sensorial, a outra intelectual; uma é subjetiva, a outra objetiva”, por isso “a informação veio a referir-se à essência fragmentária, flutuante, causal do sentido”.

Ampliando a discussão, entende-se que a informação surge como preocupação científica sendo entendida por Le Coadic (1996, p. 5) como “uma medida da organização de um sistema: medida da organização de uma mensagem em um caso” e evolui para a compreensão de que “[...] é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita

(impressa ou numérica), oral ou audiovisual”. Ademais, Le Coadic (1996, p. 5) confirma que “a informação comporta um elemento de sentido”, o qual materializado em um tipo de linguagem verbal ou não-verbal e “[...] essa inscrição é feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado”, conforme a definição de signo proposto pela semiologia de Ferdinand de Saussure. Aqui se verifica a correlação entre a informação e sua materialidade em linguagem, a qual é capaz de condensar em terminologias especializadas todas as camadas complexas de um conceito.

Outrossim, a informação é um complexo de materiais aplicados em um processo de significação que constitui o conhecimento, o qual Le Coadic (1996, p. 9) indica que “[...] é representado por uma estrutura de conceitos ligados por suas relações: nossa imagem de mundo”. Somado a isso, Le Coadic (1996, p. 10) ainda aponta que “as ciências, tanto da matéria, da vida, quanto do homem ou da sociedade (e da informação), sendo atividades socioeconômicas, são, portanto, produtoras e utilizadoras de conhecimentos científicos e técnicos”. Nessa linha, configura-se a ciência da informação, pois conforme Le Coadic (1996, p. 19) “toda ciência é uma atividade social determinada por condições históricas e socioeconômicas”, além disso “a sociedade da informação necessita de uma ciência que estude as propriedades da informação e os processos de sua construção, comunicação e uso”.

Ademais, a ciência da informação se constitui como uma ciência social, Le Coadic (1996, p. 21) informa que “[...] com a preocupação de esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura a informação”. Dessa maneira, forma-se em sua prática, como indica Le Coadic (1996, p. 22), “uma ciência social rigorosa, sob o efeito tanto de uma demanda social crescente quanto de novos objetivos sociais e importantes avanços econômicos”.

Dessa forma, a ciência da informação se desenvolveu a partir da teoria geral da informação e da comunicação. Para Araújo (2018, p. 31), a comunicação pode ser entendida “como um processo” e a informação como “[...] medida do conteúdo das mensagens transmitidas”. Outrossim, ainda é possível apontar que mudanças epistemológicas levam a ciência da informação ao “[...] tratamento dos documentos (descrição, classificação, indexação e condensação); busca de informação (recuperação da

informação, comportamentos de busca de informação, fonte e serviços de informação, procedimentos de busca)” (ARAÚJO, 2018, p. 32).

Nesse propósito, as preocupações acerca da informação estão atreladas à sua função de transmissão, mas também há a preocupação com a capacidade de compreensão. Outrossim, a ampliação das discussões presentes nos paradigmas evidencia a capacidade de compreensão e a força de representatividade que emana ou disputa espaço com fatores ideológicos, relativos, ou marcas de poder.

Ademais, ainda é possível reconhecer, como evolução das preocupações do campo, consoante Araújo (2018, p. 32), as práticas dos usuários “[...] leitura, práticas culturais, compartilhamento e cooperação, exclusão digital [...]”, ou ainda a gestão estratégica da informação “[...] que evoluiu da antiga gestão de documentos, passando pela gestão da tecnologia de informação, chegando atualmente à gestão do conhecimento e gestão da memória organizacional [...]”. Fator que caracteriza um novo item a ser debatido no processo de organização: a interação sistema informacional, usuário, linguagem e procedimentos de representação voltados a essa preocupação, pois o usuário precisa ter acesso à linguagem documentária para poder ter acesso aos sistemas informacionais.

Diante disso, entende-se que essas questões, como ainda tantas outras, possibilitaram que a ciência da informação ampliasse “[...] seu quadro de compreensão para além da dimensão física e quantitativa da informação” (Araújo, 2018, p. 37). Nessa perspectiva, é válido destacar que a ciência da informação:

não nasceu como uma ciência tipicamente social, mas identificou-se ao longo dos anos com o escopo das ciências sociais à medida em que se orientou para uma postura em que sujeitos passaram a ser vistos como o principal ator e objetivo dos sistemas de informação (ARAÚJO, 2018, p. 37).

Assim, em Kuhn (1970), recupera-se a concepção de que, frente aos embates ligados às ciências naturais e às ciências sociais, exista um expressivo número de desacordos referentes às práticas e aos métodos dos dois seguimentos que tecnicamente interferem na legitimidade dos problemas científicos, os quais levantam questionamentos acerca da precisão dos conceitos das ciências naturais e se estes, de fato, estão melhor amparados cientificamente do que os conceitos das ciências sociais.

Essa fundamentação incide na ciência da informação, por isso a evolução de seus paradigmas e, nessa concepção, há um processo mais humanizado na organização da

informação, visto que não só a informação é o foco central, mas divide-se esse foco com as comunidades, os domínios, os usuários e também como os símbolos inerentes a determinados grupos sociais.

Desse modo, Kuhn (1970, p. 13) aponta que “[...] a tentativa de descobrir a fonte dessa diferença levou-me ao reconhecimento do papel desempenhado na pesquisa científica por aquilo que, desde então, chamo de paradigma”. Frente a isso, Kuhn (1970, p. 13) diz que “[...] considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Diante do percurso epistemológico, estruturado por Capurro (2003, 2007), é possível apontar que a ciência da informação se constitui em três paradigmas: a) paradigma físico: fundamentado em uma epistemologia fisicista, cujo objeto físico era constituído pela transmissão de mensagens de um emissor a um receptor. Como reafirma González de Gómez (2000, p. 4) “[...] a importância dos produtos e serviços de informação e dos mercados para a informação”, além das inovações tecnológicas. O primeiro momento das práticas direcionadas à informação no cenário da ciência da informação;

b) paradigma cognitivo: que tem sua origem alinhada às ideias de Paul Otlet e Henri La Fontaine acerca do Instituto Internacional de Bibliografia, em que se ganham destaque a documentação e os suportes físicos do conhecimento, sob os quais concentravam-se a preocupação da recuperação da informação. Desse modo, nesse modelo, Capurro (2003, não paginado) diz que “os conteúdos intelectuais formam uma espécie de rede que existe somente em espaços cognitivos ou mentais”, assim é possível proporcionar uma “teoria dos modelos mentais”, que promovem “[...] impacto no estudo e na concepção de sistemas de recuperação da informação”.

Tal situação, configura González de Gómez (2000, p. 4), ao revelar que “as primeiras abordagens cognitivas [...]”, somado à “[...] modelagem do uso e pela incorporação de dispositivos de inteligência artificial”, como ainda “a intervenção nos processos humanos de conhecimento, memória, comunicação”.

Por fim, o terceiro paradigma: c) o paradigma social: em resposta contínua ao paradigma cognitivo, reconhece usuário como sujeito cognoscente, desse modo há a preocupação com a construção social dos processos informativos, em que as necessidades dos usuários se tornam relevantes, assim Capurro (2003, não paginado) diz que “[...] uma

consequência prática desse paradigma é o abandono da busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação a que aspiram o paradigma físico e o cognitivo”.

Não obstante, há o surgimento de “[...] novos temas e abordagens sociológicas e antropológicas”, revigoradas pelas diversidades culturais, por conseguinte também ganham destaques debates e trabalhos de pesquisa centrados em conceitos de “[...] gestão do conhecimento e inteligência social e organizacional”, os quais promovem o deslocamento da “[...] centralidade temática da informação científico-tecnológica” com o fito de promover “[...] a migração de tecnologias e estratégias de tratamento e recuperação da informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000, p. 4).

Ainda nessa perspectiva, González de Gómez (2000, p. 4) afirma que há reflexões e debates sobre “novas relações com o discurso e a leitura”, os quais buscam possibilidades de “[...] interfaces que são preparadas, num outro plano operacional e genérico, pelas interações entre as novas tecnologias de informação e comunicação com as ciências de computação, a linguística computacional, a tradução automática e os sistemas especialistas”.

Nessa linha, destaca-se a reformulação das infraestruturas de informação oriundas das propostas decorrentes da Sociedade da Informação, que conforme aponta González de Gómez (2000, p. 4) caracteriza os avanços nas “tecnologias de supercomputadores”, pesquisas referentes aos espaços da “*big science*” e o desempenho da “robótica na produção industrial”, interferindo na “[...] expansão da microeletrônica potencializada pelas redes de comunicação remota, abrangendo toda a extensão do tecido social”.

Nessa perspectiva, é possível compreender que as preocupações que antes eram direcionadas para as sintaxes matemáticas, com o passar das décadas foram se aproximando dos fatores linguísticos relacionados aos fatores semânticos, pragmáticos e semióticos, ou seja, mesmo que ainda haja estudos alinhados aos paradigmas físico e cognitivo, o paradigma social está muito presente na atualização e inovação das pesquisas, conceitos, práticas e métodos da organização do conhecimento, por sua vez, da ciência da informação como um todo, já que tem se expandido para a mediação e a gestão da informação, por exemplo.

Assim, modificaram-se as condições de produção e de avaliação dos critérios de validade do conhecimento e da informação ao ponto de se construir o “conceito de

autoridade epistêmica distribuída”, em que os objetos informacionais se aproximam dos agentes comunicativos, permitindo que os sujeitos sejam autônomos em seu agir e não meramente conduzidos por um poder simbólico que se caracterizava como “[...] objeto de disputa e construção de cada campo especializado” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2015, p. 354).

Esses aspectos demonstram ampliação da atuação da ciência da informação em relação às suas preocupações sobre o tratamento do objeto, ou melhor, como evoluiu sua relação com o objeto, este deixou de ser apenas uma mensagem e ganhou evidências de uma preocupação mais complexa em relação à significação e ao discurso, já que reflete as necessidades de comunidades, de interações sociais reais, marcadas pelas exigências do cotidiano.

Por sua vez, ao analisar pontos da construção epistemológica e histórica que interligam a ciência da informação e o campo da organização do conhecimento, destaca-se que este surge, como aponta Dahlberg (2006, p. 11, tradução nossa) “Ao fundar a *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), em 22 de julho de 1989 [...]”, assim a escolha do nome ocorreu, como ainda revela Dahlberg (2006, p. 11, tradução nossa) “[...] porque já há 60 anos o bibliotecário americano Henry Evelyn Bliss usou o termo composto ‘Organização do Conhecimento’ em seus dois livros publicados em 1929 e 1933, respectivamente, ou seja, essas publicações deram à luz aos termos *Organization of Knowledge and the System of the Sciences* e *Organization of Knowledge in Libraries*.

Ademais, foi a partir de 1993, conforme Dahlberg (2006, p. 12, tradução nossa) afirma que se “[...] introduziu a ‘Organização do Conhecimento’ como compreendendo os objetos e atividades da teoria do conceito, classificação e indexação e representação do conhecimento”, desse modo ficou entendido que “[...] por ‘representação do conhecimento’ entendemos não apenas a estrutura lógica da representação conceitual, mas também todas as questões de nomear conceitos pelos termos mais aptos, em que questões de terminologia devem ser consideradas também” (DAHLBERG, 2006, p. 12, tradução nossa).

Dessa maneira, Dahlberg (2006, p. 12, tradução nossa) evidencia que “o nome inclui uma simples combinação de conceitos, em que o objeto e sua própria área de atividade já estão indicados”, como conceitos de sujeito e predicado, ou seja, trata-se de reconhecer “o ‘conhecimento’ no sentido de ‘o conhecido’ e ‘organização’ no sentido da atividade de construir algo de acordo com um plano. Esses dois conceitos abrangem,

portanto, a área e o objeto da organização do conhecimento.” (DAHLBERG, 2006, p. 12, tradução nossa).

Nessa linha, reconhece-se que o trabalho científico inerente às atividades propostas no campo da organização do conhecimento consiste em traduzir o conhecimento presente no documento em conceito e a informação em linguagem especializada, com o potencial de recuperar não somente o documento, mas também todo o conhecimento já construído em torno dele, o qual o descritor assume a função social e convencional de recuperar toda a malha de informações e conhecimentos que dialogam.

Por isso, essa dinâmica é realizada sob a correlação entre conceitos, unidade de conhecimento, elementos mínimos de pensamento, os quais são manifestados em signos, já que é com a linguagem que a informação ganha a significação. Sendo assim, a organização do conhecimento, para Dahlberg (2006, não paginado), assume a função de “a construção de sistemas conceituais” e “[...] a correlação ou o mapeamento de unidades de tal sistema conceitual com objetos da realidade”.

Frente a essa dinâmica, os estudos sobre o conceito, explora sua constituição e sua relação associativa e partitiva com outros conceitos, visto que sua configuração não se confirma apenas pelo que diz ser, mas é no contraste com outro conceito que aponta o que não é (DAHLBERG, 1978); ou ainda, sua constituição conforme os paradigmas que demonstram procedimentos da construção do conhecimento: empirismo, racionalismo, historicismo e pragmatismo (HJØRLAND, 2002, 2009), em que se discute se o conceito mantém seu sentido estático, ou se esse sentido se ajusta ou se enquadra ao domínio em que é aplicado e, assim, pode ser verificado.

Ainda para Dahlberg (2014, não paginado) “a verdadeira compreensão dos conceitos tem sido prejudicada até agora pela ignorância de sua própria natureza, a saber, que eles formam os constituintes de qualquer organização do conhecimento que também leva à formação de classes”.

Com isso, a aplicação da linguagem na constituição de um conceito é bastante profícua, pois a linguagem permite a sua descrição e, assim, a ampliação do entendimento de modo analítico, já que as propriedades semânticas se evidenciam pela lógica e pelas características simbólica e convencional das palavras que são aplicadas para a compreensão dos conceitos, os quais são vistos no primeiro momento como representação sintética.

Porém, a evolução das discussões acerca do tema tem demonstrado as preocupações decorrentes do paradigma social, por isso uma maior preocupação com as teorias da linguagem, não apenas no âmbito formalista e estruturalista da linguística, mas sim um avanço em direção às teorias funcionalistas e também à semântica, à pragmática e à semiótica.

Nessa linha, os aspectos técnicos e metodológicos assumem a responsabilidade de elaborar tesouros, por exemplo, que retratem a dimensão semântica do conhecimento construído em linguagem natural e que estes sejam capazes de sustentar a relação semântica com outros conceitos para estabelecer uma rede de sentido capaz de traduzir na linguagem especializada a representação da realidade, decorrente daquilo que a experiência humana sobre a realidade pode oferecer, atendendo às demandas da área específica e da comunidade alinhada.

Por outro lado, essa linguagem especializada, devido às influências do paradigma social, também precisa responder às necessidades sociais, isto é, precisa detalhar as construções culturais inerentes a determinados grupos, sendo este um processo bastante diferente de uma representação fundada em objetivos neutros como propostos no paradigma cognitivo.

O paradigma social insere uma disputa de interesses e, nesse sentido, a análise de domínio colabora ao apontar os interesses de uma determinada comunidade, contudo o acesso ao conhecimento não pode ficar restrito aos interesses dessa comunidade, o acesso ao conhecimento deve ser plural e democrático.

As definições de conceitos devem ser balizadas pela investigação científica, entretanto, em se tratando de ciências sociais, os cientistas precisam estar atentos à produção cultural dos diversos grupos sociais e, nesse caso, a ciência precisa dialogar com a cultura e não simplesmente sobrepô-la. É importante ter consciência de que os critérios de cientificidade das ciências naturais são diferentes das ciências sociais, nesta os paradigmas são mais dinâmicos e sua evolução é marcada por fatores históricos, discursivos, políticos, sociais, culturais e linguísticos que interferem na ação, no autocontrole, na conduta, no comportamento, na compreensão de mundo dos integrantes de uma comunidade e na própria realidade.

4 A LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO: A INFLUÊNCIA DE TEORIAS DA LINGUAGEM NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A linguagem é recurso importante para os aspectos técnicos e científicos no campo da organização do conhecimento, visto que a manifestação de conceitos no enunciado de um documento é viabilizada pela linguagem, através de sua indicação de referente e constituição de atributos através da sintaxe. Além disso, os conceitos se ajustam à realidade científica ou cultural através dos aspectos semânticos que limitam sua atuação, abordagem, generalidade e associações. Por sua vez, a linguagem age para representar a realidade explorada no documento, como é recurso para mediar a realidade através da associação e entre os conceitos presentes no texto.

Somado a isso, a linguagem é a interface entre a informação presente no documento e a elaboração de objetos informacionais, portanto a linguagem norteia a elaboração de linguagens especializadas, a organização dos sistemas informacionais e a representação da informação.

Nessa perspectiva, estudos sobre a linguagem têm sido mais presentes na atuação dos recursos do campo da organização do conhecimento após o desenvolvimento do paradigma cognitivo, principalmente com os apontamentos de Otlet e Briet sobre os processos de representação do documento e a necessidade de se pensar estratégias para a elaboração de um documento secundário.

Outrossim, a linguagem assume um novo *locus* nesse cenário, devido às necessidades decorrentes do paradigma social, pois a organização e a representação da informação não se limitam a elaboração lógica de recursos informacionais, mas frente a esse paradigma, tornam-se importantes os discursos, os símbolos culturais, os termos adequados para efetivar a representatividade, além de voltar os estudos para termos que consigam expressar o conhecimento regional.

Desse modo, as teorias que se desenvolveram nessa linha sempre trouxeram as preocupações direcionadas à linguagem, como é o caso dos estudos precursores realizados por Gardin (1966, 1973); Coyaud (1966); Chaumier (1974); Hutchins (1975); López Yepes (1995); García Gutiérrez (1984, 1990); Izquierdo Arroyo (1990), os quais influenciaram estudos brasileiros, destacando o grupo TEMMA, da ECA/USP, com trabalhos de Lara (1993, 2001, 2004a, 2004b, 2006, 2008, 2009, 2011) e Tálamo e Lara

(2006, 2009); Lara e Tálamo (2007); Maimone e Tálamo (2011); Tálamo e Maimone (2015). Em estudos mais recentes, destacam-se Almeida (2009, 2012, 2018, 2020) e Almeida, Faria e Matias (2020) com abordagens alinhadas à semiótica.

Diante dos trabalhos mencionados, é possível perceber que as abordagens e as preocupações promovem uma transição das discussões sobre a linguagem no campo da documentação do paradigma cognitivo. Esse fator é responsável para esse fenômeno também ocorra no campo da organização do conhecimento, em que se destacam os apontamentos alinhados à linguagem especializada, ou melhor, linguagem documentária, da qual surgem as disciplinas linguística documental, na Espanha, sendo desdobrada no Brasil e sendo reconhecida, muitas vezes, como linguística documentária, devido à forte influência que os estudos franceses de Gardin exerceram sobre o grupo TEMMA. Somado a isso, há ainda o desenvolvimento da disciplina semiótica documental, também produzida na Espanha e retomada no Brasil, através de estudos direcionados à aplicação da semiótica peirceana, sob a interpretação de C. W. Morris, na organização e representação da informação e do conhecimento.

Essa transição, vista, muitas vezes, como um passo natural, já que as preocupações da ciência da documentação e do campo da organização do conhecimento são muito similares, mas também essa aproximação se dá devido à composição epistemológica do campo da organização do conhecimento, já que este é influenciado, em muitos países, destacando Espanha e Brasil, pelos fundamentos epistemológicos e metodológicos da própria ciência da documentação e da biblioteconomia.

Frente a esses apontamentos, é objetivo desta seção analisar as principais manifestações dos estudos sobre a linguagem presentes nas investigações da ciência da documentação e do campo da organização do conhecimento, doravante da ciência da informação, assim refletir sobre as correntes de teorias da linguagem aplicadas, seus avanços e possíveis retomadas. Com isso, espera-se evidenciar o papel articulatório da linguagem, seja no tratamento da informação presentes nos documentos, seja nos estágios do tratamento documental, leitura, análise e representação, seja na elaboração de linguagem documentária, seja ainda na produção do conhecimento.

O principal papel da linguagem no cenário da documentação era a representação do conteúdo temático dos documentos a fim de que fossem eficientes as estratégias de recuperação, por isso as discussões estavam atreladas à análise documentária, pois era

necessário que se realizasse uma espécie de tradução dos conceitos manifestados nos documentos para um instrumento que realizasse seu papel como objeto informacional e garantisse a comunicação futura.

Para Gardin (1966), tratava-se de “Léxico Documentário”, desse modo atuava como uma metalinguagem, visto que era necessário traduzir a linguagem natural para uma linguagem especializada, diante do qual se pode entender que funciona como “[...] um sistema simbólico que faz a mediação entre textos e sua representação” (VOGEL, 2007, p. 10).

Nessa linha, Barité (2015, p. 95, tradução nossa) define linguagem documentária como “[...] denominação alternativa e usual que recebem sistemas de organização de conhecimento”. Muitas vezes, a linguagem documentária é tratada como linguagem de especialidade, portanto pode ser entendida como “[...] subsistema linguístico parcialmente coincidente com o sistema da língua comum ou geral, que compreende o conjunto dos recursos linguísticos próprios de um campo particular do conhecimento” (BARITÉ, 2015, p. 94, tradução nossa).

Para Schiessl e Shintaku (2012, p. 53), a linguagem documentária corrobora um dos objetivos fundamentais da ciência da informação que é “[...] representar o conteúdo de documentos com a menor perda de informação possível”. Além disso, é aplicada para organizar a forma de armazenamento e de recuperação das informações contidas nos sistemas informacionais, porém toda a sua tratativa está concentrada naquilo que é manifestado e registrado em documentos. Somado a isso, a linguagem documentária assume o papel de “[...] traduzir os conceitos-chave dos documentos para linguagens reconhecidas por sistemas de informação” (SCHIESSL; SHINTAKU, 2012, p. 53).

Diante dessas definições iniciais, surge um importante questionamento acerca da aplicação da linguagem no cenário da documentação e do campo da organização do conhecimento, conseqüentemente da ciência da informação que é o entendimento da metalinguagem presente na elaboração da linguagem documentária.

As escolas francesa e inglesa entendem a linguagem documentária como uma metalinguagem, porém de modo imediato, a simples transposição do conceito presente no documento para um sistema informacional, isto é, essa análise está direcionada apenas para reconhecer o valor imanente da palavra, descartando seus aspectos semânticos construídos na manifestação da enunciação e do discurso.

Por outro lado, a escola espanhola já compreendia metalinguística como um processo, isto é, que a tradução dos aspectos semânticos manifestantes nos documentos deve ocorrer através de um processo cognitivo para uma linguagem especializada que seja capaz de recuperar os argumentos presentes no documento e não apenas uma evidência de termos mais utilizados pelo campo, o que García Gutiérrez (1984) denominou de metalinguagem documental.

No Brasil, muitos estudos desenvolvidos pelo grupo TEMMA seguiram essa vertente, alguns se aproximaram da escola formalista e, por isso, exploraram fundamentos noéticos e nocionais, inspirados no distribucionalismo formalista. Nessa perspectiva, ainda é válido destacar a aproximação dessa abordagem com o gerativismo de Chomsky.

Tais conjuntos de teorias da linguagem pouco colaborou com a ciência da documentação e com o campo da organização do conhecimento, principalmente na elaboração de sistemas de organização do conhecimento, destacando os tesouros, pois essas teorias colaboram para controlar e estabilizar os aspectos semânticos de um conceito, todavia não oferecem muitos recursos para compreender a evolução da significação.

Dessa forma, reconhece-se que essa primeira abordagem da elaboração da linguagem documentária apresenta fortes conexões com o paradigma cognitivo, pois o foco está na linguagem, na informação e no sistema. Devido a isso, encontraram-se, na terminologia, de viés cultural, respostas mais contundentes, fator que ocasionou um certo distanciamento das teorias da linguística para contribuir com os avanços nos estudos acerca da linguagem documentária, contudo a terminologia não abarca a complexidade da competência linguística, tampouco possui arcabouço para explorar os processos inerentes à significação.

Por seu turno, pesquisas decorrentes da concepção da metalinguagem como um processo de descrição informacional, oriundas de processo cognitivo, avançaram na Espanha, sobre o cunho de linguística documental e semiótica documental, no entanto seus desdobramentos foram tímidos no Brasil e na própria Espanha (ALMEIDA, 2020).

Embora não houvesse muito sucesso da linguística documental com o paradigma cognitivo, é possível reconhecer que sua constituição foi fundamental para a inserção dos estudos de Louis Hjelmslev no campo da organização do conhecimento, destacando as

preocupações com o processo metalinguístico, também debatido por Roman Jakobson. Sendo assim, os processos relacionados ao tratamento documental, ou seja, análise leitura e elaboração de objetos informacionais, começaram a se aproximar dessa vertente da linguística, devido às preocupações com as transformações semânticas.

Nesse período, as preocupações da ciência da documentação, na Espanha, estavam direcionadas às práticas, às estratégias e aos métodos de tratamento documental. Discussões que se iniciam com Lasso de la Vega sobre a documentação na Espanha, ganharam destaque com os apontamentos de López Yepes acerca da relação entre linguagem e representação do documento. Nessa linha, García Gutiérrez oferece conceitos para a elaboração de uma disciplina, a qual colaborou significativamente para a evolução epistemológica do campo (LÓPEZ YEPES, 1995).

García Gutiérrez (1984, p. 138, tradução nossa) propôs uma metalinguagem documental, já que compreendia que “[...] a metalinguagem aparece quando se emprega uma linguagem para explicar outra linguagem”. Assim, a extração dos conceitos presentes no documento poderia ser mais claramente relacionada à terminologia destinada a identificar o campo científico e estabelecer a relação semântica entre os termos aplicados, além disso o tratamento documental poderia atuar como “[...] investigação técnica com a finalidade de descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo evidente de uma comunicação” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 1984, p. 80, tradução nossa).

Nessa perspectiva, Izquierdo Arroyo também proporcionou contribuições ao desenvolvimento epistemológico da disciplina. Motivado por suas pesquisas e pelo Marco Acadêmico, em que, ao assumir a cadeira de professor catedrático na Universidade de Murcia, desenvolveu um material didático, em que aponta os procedimentos pedagógicos para desenvolver a disciplina de linguística documental, também aprofundou as discussões acerca da teoria.

Preocupado com os limites que o paradigma cognitivo emplacava na época, além de estudos pontuados em Saussure, Chomsky e Hjelmslev, Izquierdo Arroyo, a fim de ampliar a compreensão sobre os processos cognitivos envolvidos no tratamento documental, introduz estudos baseados na semiótica peirceana e nos trabalhos de C. W. Morris (ALMEIDA, 2020).

A fim de propor caminhos para a normalização dos termos e a compreensão do processo cognitivo nas práticas de tratamento documental, que envolve a interpretação do

texto, o tratamento documental e a extração das palavras-chave que evidenciam os conceitos, os quais são traduzidos por termos correspondentes ao campo científico, Izquierdo Arroyo insere conceitos como semiose documental, hábito mental para proceder o tratamento documental (IZQUIEDO ARROYO, 1990).

De certa maneira, essa preocupação com os processos cognitivos, sendo que não se limitavam à transformação da informação, mas sim direcionado ao entendimento da significação, somado ao fato de que se tratava da cognição humana, isto é, as preocupações começavam a se voltar para as pessoas envolvidas, tanto na representação, como na produção da informação. Frente a isso, pode-se apontar a transição da aplicação das teorias da linguagem alinhadas ao paradigma cognitivo para também explorar o paradigma social.

É evidente que a transição do paradigma cognitivo para o paradigma social ocorreu devido ao surgimento de temas e necessidades enfrentadas pela ciência da informação, doravante atingiu ao campo da organização do conhecimento, sendo esse processo de transição decorrente dos estudos e teorias inerentes do próprio campo científico. Entretanto, as teorias da linguagem há muito já estavam sendo aplicadas ao campo da organização do conhecimento como estudo interdisciplinar, conseqüentemente seguiu essa evolução paradigmática.

Sendo assim, no campo da organização do conhecimento, além dos debates sobre o tratamento documental por assunto, ou abordagem no liame da temática e a prática de indexação, surgiram temas e debates sobre a representatividade dos grupos culturais, assim como o papel dos sistemas informacionais, a aplicação da gestão informacional, da mediação da informação, da elaboração de objetos informacionais, como ainda a atuação do sujeito informacional. Dessa forma, reconhece-se um deslocamento das preocupações acerca da informação, ou seja, o objeto passa a dividir o espaço com os sujeitos.

Nessa perspectiva, as teorias da linguagem passam a ganhar força, pois os sujeitos são evidenciados através de seu lugar nos discursos. Além dos estudos aprofundados na filosofia e semiótica de C. S. Peirce, devido ao seu potencial de mediação da realidade e o papel dos interpretantes, somado à constituição do hábito mental e à atuação de verificação e comprovação do pragmatismo, surgiram outras vertentes de teorias da linguagem como por exemplo as contribuições de Wittgenstein, Ducrot, van Dijk, explorando jogos de palavras, discurso e linguística textual.

Ademais, somando-se ao rol de teorias da linguagem aplicadas ao campo organização do conhecimento, a semiótica da cultura, de I. Lotman, semiótica narrativa e o percurso gerativo do sentido de A. J. Greimas, como ainda gênero do discurso de M. Bakhtin; análise de discurso de M. Pêcheux, D. Maingueneau e M. Foucault.

Dessa maneira, entende-se que estudos sobre a linguagem aplicados na ciência da documentação e no campo da organização do conhecimento têm se demonstrado bastante profícuos, pois apresentam contribuições para a evolução dos paradigmas na ciência da informação, seja para o paradigma cognitivo, seja para o paradigma social, as teorias da linguagem apresentaram fundamentos para direcionar práticas, estratégias e métodos de tratamento documental, análise, leitura, representação, elaboração de objetos informacionais e indexação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção epistemológica de um campo científico é fundamental para compreender suas atividades, sua relação com seu objeto e o desenvolvimento de seus métodos, práticas, técnicas e estratégias de pesquisa e de trabalho.

Nesse contexto, a ciência da informação nasce a partir de necessidades estratégicas para o tratamento da informação, mas se difunde consoante à necessidade de compreender, sistematizar e organizar o conhecimento. Dessa forma, o desenvolvimento da organização da informação é marco importante, pois permite o aprofundamento de técnicas, métodos e teorias no que tange às preocupações e às necessidades relacionadas ao tratamento da informação, análise dos documentos, armazenamento e, principalmente, a recuperação desse conteúdo.

Alinhado a esses serviços, ainda fixado ao paradigma cognitivo, desenvolvem-se estratégias para a representação do conhecimento e da informação através de instrumentos de mediação entre linguagem e documento, como o sistema de organização do conhecimento – SOCs – e objetos informacionais para descrever os conteúdos temáticos dos documentos. Neste ponto, a linguagem ganha destaque nas atividades da ciência da informação e, por sua vez, do campo da organização do conhecimento diante da necessidade de normalização de uma linguagem especializada advinda da tradução da linguagem natural em linguagem documentária.

Desse modo, esta pesquisa demonstrou um breve percurso epistemológico pelo qual a ciência da informação surgiu e se desenvolveu, assim foi possível apontar sucintamente as configurações dos paradigmas físico, cognitivo e social. Dessa maneira, estudos sobre a linguagem ganham importância no paradigma cognitivo, devido às necessidades de representação dos conceitos manifestados nos documentos e também é através da linguagem que se estabelece a organização desse conhecimento decorrente à classificação e à categorização.

Entretanto, é no paradigma social que a linguagem se evidencia como um ponto fundamental, pois as preocupações não estão direcionadas apenas à constituição dos sistemas informacionais, mas também amplia sua reflexão para a inclusão dos usuários referente às suas buscas particulares, aos interesses coletivos, ou às necessidades comunicacionais de uma determinada comunidade, assim também se evidenciam preocupações com a inclusão e com a democratização do acesso.

Desse modo, pode-se expor que o campo da organização do conhecimento está alinhado às evoluções e inovações da ciência da informação, por isso também recebe influências dos três paradigmas, embora o impacto do paradigma social seja muito mais evidente. Por seu turno, o campo da organização do conhecimento apresenta um objeto definido, próprio, com métodos, teorias e práticas bastante contundentes, todavia compartilha do mesmo objeto que a ciência da informação: a informação, além de explorar como a informação conduz ao conhecimento. Assim sendo, o campo da organização do conhecimento também compartilha das dificuldades de tratar desse objeto, devido à amplitude e às possibilidades de correlação com outros campos científicos.

Por fim, o campo da organização do conhecimento apresenta uma relação intrínseca com a linguagem, já que suas atividades estão relacionadas ao desenvolvimento de serviços direcionados à organização do conhecimento e à organização da informação e essas práticas são efetuadas pela condução da linguagem, seja ela natural, seja ela especializada. Dessa maneira, é possível também apontar que os debates acerca da elaboração de linguagem especializada, ou até mesmo a configuração dos conceitos, como ainda a fundamentação discursiva que direciona os interesses dos domínios são conduzidos por diversos fatores como a lógica, a cognição, a psicologia, a ética, a estética, a estatística, a matemática, entre tantas outras, por isso pode-se afirmar que se destaca a

linguagem, pois sua atuação correlaciona todos os outros fatores que contribuem para a constituição de significação da informação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C. **Peirce e a Organização da Informação**: contribuições teóricas da Semiótica e do Pragmatismo. 2009. 416 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2009.
- ALMEIDA, C. C. Conceito como signo: elemento semiótico para análise e mediação da informação. **Scire**, 18(2), 49-55, 2012.
- ALMEIDA, C. C. A semiótica na ciência da informação brasileira: ideias e tendências. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, 9(2). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119663>, 2016.
- ALMEIDA, C. C. **Semiótica documental: aspectos contextuais, teóricos e interdisciplinares**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.
- ALMEIDA, C. C.; FARIAS, M. C. Q. S.; MATIAS, I. L. Linguística documental espanhola no brasil: uma leitura crítica. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 25, 1-19, 2020. DOI: 10.5007/1518-2924.2020.e65397, 2020.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é ciência da informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- BARITÉ, M. *et al.* **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6ª ed. corregida y aumentada. Montevideo: Csic, 2015.
- CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: **V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 5., Belo Horizonte, 2003. Anais... Belo Horizonte: Escola de Ciência da informação da UFMG, 2003.
- CAPURRO, R. Epistemología y ciencia de la información. **Enlace**, v. 4, n. 1, p. 11-29, 2007.
- CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], 12(1). ISSN 19815344. Recuperado em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>>. 2007.
- CHAUMIER, J. **As técnicas documentais**. Trad. Jorge de Sampaio. Apartado 8, Portugal: Publicações Europa-América, 1974.
- COYAUD, M. **Introduction a l'étude des langages documentaires**. Paris: Klincksieck, 1966.
- DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, [S.l.], 7(2). Recuperado em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>, 1978.
- DAHLBERG, I. Knowledge Organization: A New Science? **Knowledge organization**, 33(1). 11-19, 2006.

DAHLBERG, I. Brief Communication: What is Knowledge Organization? **Knowledge Organization**, 41(1), 85-9, 2014.

FARIAS, M. C. Q. S.; ALMEIDA, C. C. Interações entre Semiótica da Cultura e Organização do Conhecimento: conceitos integradores. En: **XII ISKO España y II ISKO España-Portugal**. Organización del conocimiento para sistemas de información abiertos. Murcia: Universidad de Murcia, 2015.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Linguística Documental**: Aplicacion a la Documentacion de La Comunicação Social. Mitre: Barcelona, Espanha, 1984.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. L. **Estructura lingüística de la documemación: teoría y método**. Murcia: Universidad de Murcia, 1990.

GARDIN, J.-C. Elementents d' um modele pour la description des lexiques documentaires. **Bulletin des Bliblioteques de France**, 5. 171-182. Recuperado em: <https://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1966-05-0171-001>, 1966.

GARDIN, J.-C. Document Analysis and Línguistic theory. **The Journal of Documentation**, 29(2), 137-168. DOI: <https://doi.org/10.1108/eb026553>, 1973.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. A representação do conhecimento e o conhecimento da representação: algumas questões epistemológicas. **Ciência da Informação**, [S. l.], 22(3). Recuperado em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/479>, 1993.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da ciência da informação. **DataGramZero**, 1(6). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/4591>, 2000.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [S.l.], 6(1). ISSN 19815344. Recuperado em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433>. 2007.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Validade científica: da epistemologia à política e à ética” | scientific validity: from epistemology to politics and ethics. **Liinc em revista**, 11(2). DOI: [10.18617/liinc.v11i2.816](https://doi.org/10.18617/liinc.v11i2.816), 2015.

HJØRLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches – tradicional as well as inovative. **Journal of Documentation**, 58(4): 422-462, 2002.

HJØRLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)??. **Knowledge Organization**, 35. DOI: 10.5771/0943-7444-2008-2-3-86, 2008.

HJØRLAND, B. Concept Theory. **Journal of the American Society for Information Science and Techonology**, 60(8):1519-1536. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.21082>, 2009.

HJØRLAND, B. Concepts, paradigms and knowledge organization. Paper presented at the International Society for Knowledge Organization Conference. **Paradigms and Conceptual Systems in Knowledge Organization**. Rome, Italy, 2010.

HJØRLAND, B. Does the Traditional Thesaurus Have a Place in Modern Information Retrieval? **Knowledge Organization**, 43(3): 145-159, 2016.

HUTCHINS, W. J. **Languages of indexing and Classification**. Herts: Peter Peregrinus, 1975.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de linguística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias. Tomo I, 1990.

JAPIASSU, H. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

LARA, M. L. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, 22(3). DOI: 10.18225/ci.inf..v22i3.480, 1993.

LARA, M. L. L. G. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documental e a linguagem documental. **DataGramaZero**, 2(6). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5294>, 2001.

LARA, M. L. L. G. Linguagem documental e terminologia. **Transinformação**, 16(3), 231-240. DOI: 10.1590/S0103-37862004000300003, 2004a.

LARA, M. L. L. G. Diferenças conceituais sobre termos e definições e implicações na organização da linguagem documental. **Ciência da Informação**, 33(2). DOI: 10.18225/ci.inf..v33i2.1050. Recuperado em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1050>, 2004b.

LARA, M. L. L. G. É possível falar em signo e semiose documental? 10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p18. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. esp., 18-29. DOI: 10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p18, 2006.

LARA, M. L. L. G. Informação, informatividade e linguística documental: alguns paralelos com as reflexões de Hjørland e Capurro. **DataGramaZero**, 9(6). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6550>, 2008.

LARA, M. L. L. G. **Linguística Documentária**: seleção de conceitos. 2009. Tese (Livre Docência em Análise Documentária) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI:10.11606/T.27.2019.tde-21112019-191517, 2009.

LARA, M. L. L. G. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo temma. **Informação & Informação**, 16(2), 92-121. DOI: 10.5433/1981-8920.2011v16n2p92, 2011.

LARA, M. L. L. G.; TÁLAMO, M. F. G. M. Uma experiência na interface linguística documental e terminologia. **DataGramaZero**, 8(5). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6681>, 2007.

LE COADIC, Y-F. **A ciência da informação**. Trad. Maria Yeda P. S. de Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LÓPEZ YEPES, J. **La Documentacion como disciplina**: Teoria e História. 2. ed. EUNSA: Navarra, Espanha, 1995.

MAIMONE, G. D.; TÁLAMO, M. F. G. M. Linguística e terminologia: contribuições para a elaboração de tesouros em ciência da informação. **DataGramZero**, 12(2). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/7356>, 2011.

MOURA, M. A. Semiótica e mediações digitais: o processo de criação e recepção de hipermídias. **Perspectivas em Ciência da Informação**, 8(2). Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/37211>, 2003.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes 10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p1. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, n. esp., 1-17. DOI: 10.5007/1518-2924.2006v11nesp3p1, 2006.

PANDO, D. A. "Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro". 2018. 463 f. Doutorado em Ciência da Informação – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, SP, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153395>. Acesso em: 11 set. 2023.

PANDO, D. A.; ALMEIDA, C. C. de. Cientificidade da Organização da Informação: uma análise epistemológica a partir da comunidade brasileira. "Informação & Informação", v. 24, n. 1, p. 102, 6 mar. 2019. DOI 10.5433/1981-8920.2019v24n1p102. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34618>. Acesso em: 11 set. 2023.

SALES, R. de. A Relação entre Organização do Conhecimento e Ciência da Informação na Comunidade Científica Brasileira: uma investigação no âmbito da ISKOBrasil. In: GUIMARÃES, José Augusto Chaves; DODEBEL, Vera (orgs.). Organização do conhecimento e diversidade cultural. Marília, SP: FUNDEP; ISKO-Brasil, 2015. v. 1, p. 73-84. Disponível em: http://isko-brasil.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Livro-finalizado_correcoes-feitas_pronto-para-publicar-07_02_2013.pdf.

SCHIESSL, M; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do Conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores. 248 p. Capítulo 2, 49/118, 2012.

SMIRAGLIA, R. P. Empirical Methods for Knowledge Evolution across Knowledge Organization Systems. **Knowledge Organization**, 43: 351-357, 2016.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. L. G. O campo da linguística documentária. **Transinformação**, 18(3), 203-211. DOI: 10.1590/S0103-37862006000300004, 2006.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LARA, M. L. L. G. Interface entre linguística, terminologia e documentação. **Brazilian Journal of Information Science**, 3(2). DOI: 10.5016/brajis.v3i2.361, 2009.

TÁLAMO, M. F. G. M.; MAIMONE, G. D. Jean-Claude Gardin e a análise documentária: trajetória da constituição de uma semiologia da representação. **ISKO Brasil**, 3, 736-747. Recuperado em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/135595>, 2015.

VOGEL, M. J. M. **A noção de estrutura linguística e de processo de estruturação e sua influência no conceito e na elaboração de linguagens documentárias**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI:10.11606/D.27.2007.tde-17032008-104245, 2007.

VOGEL, M. J. M. A influência de Jean-Claude Gardin e a linha francesa na evolução do conceito de linguagem documental. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, 14, n. spe, 80-92. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362009000400006>. Recuperado em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362009000400006&lng=en&nrm=iso, 2009.

Recebido em: 26 de janeiro de 2023
Aprovado em: 16 de dezembro de 2023
Publicado em: 18 de dezembro de 2023